

**Discurso e Sentido em relação ao Rio Madeira, Porto Velho, RO**  
**Discourse and Sense about to the Madeira River, Porto Velho, RO**

Rosália Aparecida da Silva  
IFRO

**Resumo:** Um rio carrega muitas formas de sentidos em seu curso. Tradicionalmente, as povoações sempre procuraram as margens de águas doces para se formarem. No caso da Amazônia, os rios são muito mais que fonte de alimentação. São a vida em si, o transporte, a comunicação, a formação da cultura ribeirinha e a riqueza do contato homem e natureza. E quando o rio transborda, o que se diz desse fenômeno sob a visão dos meios de comunicação? Em 2014, na cheia histórica do Rio Madeira, os estados do Acre e Rondônia sofreram com a elevação das águas e a interrupção do trânsito na BR-364. A alagação impediu a chegada de alimentos e outros suprimentos necessários para as cidades afetadas. O ciclo histórico daquela cheia se fechou sem a perda direta de nenhuma vida humana, entretanto, demonstrou o quão político é o transcurso rio-gente quando divulgado por veículos de mídia. Esta pesquisa é realizada por meio da análise de discurso, com aporte teórico advindo de Foucault (2014); Pêcheux (2015); Gregolin (2000); Orlandi (2013); Maingueneau (2013; 2016); e Possenti (2009). O estudo utiliza textos de arquivos de um jornal impresso na cidade de Porto Velho (RO). O principal resultado é que não só as forças das águas estão agindo na formação da sociedade quando o tema é um rio amazônico, há também forças em disputa de poder social, econômico e político.

**Palavras-Chave:** Cheia Histórica do Rio Madeira; Rondônia; Análise do Discurso; Sentidos.

**Abstract:** A river carries many forms of meaning along its course. Traditionally, human peoples have always sought to make their homes near fresh waters. In the Amazon, rivers are much more than a source of food. They are life, transport, communication, the formation of the riverside culture and the contact between man and nature. And when the river overflows, what does the media say? In 2014, in the historic Madeira River flood, Acre and Rondônia were hit by rising waters and the interruption of traffic on the BR-364. The flooding prevented the arrival of food and other necessary goods to the affected cities. The historic cycle of the flood closed without the direct loss of any human life, however, it demonstrated how political the river-people passage is when publicized by the media. The methodology of this research is discourse analysis, with Foucault's theories (2014); Pêcheux (2015); Gregolin (2000); Orlandi (2013); Maingueneau (2013; 2016); and Possenti (2009). The object of study are articles from archives of a newspaper printed in the city of Porto Velho (RO). The main result is that not only are the forces of the waters acting in the formation of society when the subject is an Amazonian river, there are also forces in dispute for social, economic and political power.

**Keywords:** Historic Madeira River Flood; Rondônia; Speech Analysis; Senses.

**Recebido em 16 de agosto de 2023**

**Aprovado em 20 de dezembro de 2023.**

## **Introdução**

Este artigo tem por objeto de análise um dos grandes rios amazônicos, o Rio Madeira. No “ano hidrológico”, conforme denominação dada pelas entidades especializadas, e que é compreendido no período de setembro de 2013 a outubro de

2014, ele passou pela maior cheia já registrada historicamente em suas águas. Águas que são fornecedoras de força para ajudar a gerar energia, pesca e procriação de peixes, acesso, transporte e o próprio fornecimento de água para o consumo e o abastecimento das moradias urbanas, além de ser espaço de lazer e turismo. O Rio Madeira possui fundamental importância para Rondônia e demais regiões onde suas águas alcançam. Tanto que a grande cheia de 2014 chegou a afetar Rondônia, Pará, Acre e Amazonas. Conforme Stachiw (2017, p. 29), em Rondônia:

O Madeira é um dos rios mais formidáveis de nosso estado, tendo importância ambiental, econômica, social, cultural e histórica. Esta imponente obra da natureza é o resultado da confluência dos rios Beni (que nasce na Cordilheira dos Andes boliviano) e Mamoré, situado no município de Nova Mamoré. É para ele que se direcionam os outros seis rios tributários mais importantes do nosso estado: Jamari, Machado, Guaporé, Mamoré, Abunã e Roosevelt (este deságua no rio Aripuanã que, por sua vez, deságua no Rio Madeira em solo amazonense) (STACHIW, 2017, p. 29).

Situando o rio geograficamente, começamos a ter bases para posterior interpretação do *corpus* que compõe este trabalho. Na amplitude dessas águas, pessoas de comunidades ribeirinhas e indígenas e demais localidades utilizam o rio enquanto “estrada”. Na alagação, não só eles, como também as cidades são impactadas. E o ano de 2014 foi singular para quem vive em Rondônia, tendo em vista o estado ter passado por uma de suas maiores cheias ao longo da bacia do Rio Madeira. Em território brasileiro, a alagação atingiu principalmente os municípios de Porto Velho, Guajará-Mirim e Nova Mamoré, além de deixar isolado por via terrestre o estado do Acre. No dia 30 de março de 2014, o Rio Madeira atingiu o maior pico registrado historicamente: 19,74 metros.

Na imprensa, o Jornal Diário da Amazônia fez a primeira referência à “cheia histórica” por meio de editorial, na edição de 16 e 17/02/2014. O editorial era intitulado “Uma cheia histórica”. Também a capa trazia a chamada “Nível do rio atinge 17,50m” (edição de 16 e 17/02/2014), o que significava dois centímetros abaixo do maior nível registrado pelos órgãos de controle até aquele momento (registrados na cheia de 1997). Conforme o editorial daquele dia, a subida das águas era descrita como sendo “de forma impressionante e jamais vista por jornalistas experientes que fazem a cobertura desse fenômeno”.

Só de desalojados e desabrigados que receberam do Governo do Estado de Rondônia o “aluguel social” foram 7.440 famílias. Toda sociedade se envolveu no

desastre natural que transcorreu sem ocorrência de vítima fatal. Desde pessoas comuns, no envio de donativos aos atingidos pela cheia, até entidades uniram esforços no sentido de minimizar os impactos pelo aumento grandioso das águas no Rio Madeira. Escolas da cidade foram utilizadas nos primeiros meses como abrigo, alterando o calendário letivo de diversos estudantes porto-velhenses. Destacam-se entre as organizações envolvidas o Corpo de Bombeiros, Defesas Cívicas, Sistema de Proteção da Amazônia, Serviço Geológico do Brasil, Agência Nacional de Águas, Ministério Público Federal, Ordem dos Advogados do Brasil, Empresas de Energia Elétrica, Conselho Regional de Engenharia, organizações não-governamentais, secretarias municipais, estaduais e federal, entre outras entidades.

Também fizeram parte daquele momento diversas falas, diversas defesas, teses e contrateses defendidas. Uma das maiores ligações feitas à cheia estava amparada na recente construção de usinas hidrelétricas no Rio Madeira, debate iniciado logo na entrada do ano 2000, quando se avançou na proposta e atual consolidação das Usinas de Jirau e de Santo Antônio, em Porto Velho (RO). Por outro lado, nem todos os discursos tiveram convergência de sentido, havendo concordâncias e discordâncias dentre todos os interesses ali presentes.

A problematização levantada é sobre quando o rio transborda, o que se diz desse fenômeno sob a visão dos meios de comunicação? No caso, o veículo de comunicação da qual foi retirado o conteúdo de análise é um jornal inaugurado em setembro de 1993, sediado na capital rondoniense, e que fez cobertura da cheia de 2014. O Diário da Amazônia é integrante do Sistema Gurgacz de Comunicação (SGC), a que também estão ligadas as empresas jornalísticas Rede TV! Rondônia e Rádio Globo AM (ambas com sede em Porto Velho), Rádio Alvorada (Ji-Paraná) e Portal SGC na internet. Os demais jornais impressos da cidade pararam de circular. Entre eles, o Jornal Alto Madeira fechou em outubro de 2017 e o Estadão do Norte foi extinto dois anos antes.

Silva e Amaral (2020) mostram como foram observados trimestralmente os textos que publicados no Diário da Amazônia, durante aquela cheia histórica. São quatro diferentes períodos que podem ser divididas. De quanto as chuvas dão os primeiros alertas (último trimestre de 2013 – início do ciclo 2013/2014), representando a fase inicial, quando o rio está na transição de sua passagem do período de seca para início do período chuvoso, pouco se refletia em notícias, devido à “naturalidade” dos fatos. Poucas notícias possuem relação direta com a cheia, mas muitas demonstram

relação com o rio e com as chuvas do período. Tendo aparecido no Jornal Diário da Amazônia, edições de outubro a dezembro de 2013, um pouco mais de 20 notícias (15 matérias gerais, 2 editoriais e 5 aparições em chamadas de capa).

Em seguida, nos primeiros três meses de 2014, chega o período que vai dos primeiros desalojados até a chegada das maiores cotas registradas. As matérias tendem a um aumento, e das 22 matérias do trimestre passado, o jornal Diário da Amazônia sobe para 571 notícias publicadas tendo o Rio Madeira como tema. As publicações de janeiro a março de 2014 são do gênero: Matéria (346), Capa (117), Política (41), Publicidade (9), Charge (23), Cultura (3), Editorial (20), Fotos (4), Nota (3), Opinião (3), Entrevista (1) e Tira (1). Ressalta-se que não é somente o Jornal Diário da Amazônia. Todos os demais veículos de comunicação passaram a se interessar mais pelo tema que abalava a toda região.

A terceira fase que está no segundo trimestre de 2014, ficou relacionada a publicações que dizem que o rio não quer baixar, entretanto, era hora da reconstrução. O número de matérias continuava elevado, foram 374 no total, com as matérias de cunho geral à frente das demais: Matéria (221), Capa (89), Política (23), Charge (16), Editorial (16), Publicidade (6), Entrevista (2) e Opinião (1). E, por último, no terceiro trimestre de 2014, representando o fim do ciclo 2013/2014 do Rio Madeira, era a fase de se perguntar se uma nova cheia voltará? Como a região ainda se recuperava do pós-cheia, também o Jornal Diário da Amazônia se manteve noticiando fatos relativos a chuvas, águas do rio, recuperação dos estragos, entre outros. O período foi mais dedicado às notícias de limpeza, reconstrução, sedimentos e dragagem do rio, riscos de uma nova cheia e de preparação para quando viesse o novo período de subida das águas. Foram 109 notícias de julho a setembro de 2014: Matéria (79), Capa (20), Charge (5), Editorial (3), Opinião (1) e Política (1).

Desta noção de como se comportou o Jornal Diário da Amazônia, poderia haver diferentes formas de observação. Como as que discutissem o aparecimento e a responsabilidade pelas informações (ou vozes que o jornal dizia ouvir e veicular). É o caso da matéria do dia 09/11/2013: “Madeira sobe o dobro do esperado”, em que são entrevistados representantes da Defesa Civil Municipal, do SIPAM e de ribeirinhos urbanos que, devido à proximidade com o rio e localização de suas casas, podem ser atingidos na cidade. Os interlocutores “técnicos” irão se revezar no decorrer dos

períodos, indo de órgãos mais executores das ações (defesas civis e outros) aos executores-articuladores (políticos, prefeitos, governador e outros).

Ante a impossibilidade de se banhar na totalidade do rio, ou no mesmo rio duas vezes, discursos, rios e cheias mudarão suas apresentações, mas irão conservar lugares de retomadas, ancoragens, enunciações, outros e mesmos. Não se podendo ser naturalizado ou acreditar-se no mesmo fenômeno, o comportamento em relação a ele irá variar conforme a época, nascendo a partir do já existente e do já apagado: novos rios, discursos e acompanhamentos da mídia. É o que fica após observação trimestral das notícias do interstício outubro de 2013 a setembro de 2014. De todo o material que se tem acesso, com as mais de 1.070 notícias verificadas no Jornal Diário da Amazônia, serão observadas aqui três diferentes matérias, publicadas na mesma edição e página, com os títulos “Dilma empenha apoio à estrada pelo Parque”, “Estudos descartam culpa das usinas hidrelétricas” e “Governador e senador têm avaliação positiva”.

## 1. Percurso metodológico

Apresentado o contexto geral, pretende-se neste artigo observar as ideologias que se apresentam principalmente por posicionamentos discursivos e efeitos de sentido. Para compreensão utiliza-se da reunião de “textos” que constituem o arquivo de análise por meio da ferramenta a Análise do Discurso, na linha desenvolvida inicialmente pelos franceses Foucault (2014) e Pêcheux (2015) e demais autores que estudam o discurso e seu universo teórico. No *corpus*, o mapeamento realizado busca a compreensão do que foi dito naquele momento, compreendido como acontecimento e estrutura ao mesmo tempo. Desta maneira, o estudo tem como objeto principal os discursos produzidos sobre o Rio Madeira, tendo por recorte a grande cheia de 2014. O *locus* é o município de Porto Velho, Rondônia, com objetivo de analisar discurso e sentido a partir de uma pesquisa exploratória que auxiliará no delineamento do estudo.

Partindo da pesquisa bibliográfica, em que a fonte bibliográfica principal é de publicações periódicas (no caso do Jornal Diário da Amazônia), que conforme Gil (2007, p. 46) são documentos ditos “de primeira mão”, porque ainda não receberam nenhum tratamento analítico. A solicitação de acesso ao arquivo físico do Jornal Diário da Amazônia para captura das mais de mil notícias do período foi realizada via ofício. Recebida a autorização, procedeu-se a consulta e fotografia das matérias em relação à cheia, uma vez que não há edições disponíveis para venda do periódico antigo ou outra

modalidade de fácil acesso (nem reprografia) a cada página do jornal publicado nos anos de 2013 e 2014.

Sobre a metodologia/teoria, Pêcheux foi um dos primeiros a teorizar a Análise de Discurso. Ele reuniu releituras althusserianas do materialismo histórico de Karl Marx, mais as releituras lacanianas da Psicanálise de Sigmund Freud e a Linguística saussuriana. “O efeito subversivo da trilogia Marx-Freud-Saussure foi um desafio intelectual engajando a promessa de uma revolução cultural, que coloca em causa as evidências da ordem humana como estritamente bio-social” (PÊCHEUX, 2015, p. 45). As três áreas do conhecimento estão na composição da Análise do Discurso, concebendo que os fatos possuem sentido e historicidade que ficam “apagados” na memória; homem perpassado por uma ideologia (também não transparente a ele), assumindo determinadas posições/papéis sociais; e com o pressuposto de que a linguagem é opaca.

A partir disso, o discurso pode ser entendido como “uma dispersão de textos, cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas” (MAINGUENEAU, 2016, p. 15), com a particularidade de que nem tudo o que foi dito será acessível, porém são integralmente históricos e linguísticos, resultando que “esse dizível constitui um sistema e delimita uma identidade” (2016, p. 16). Ou numa visão de discurso enquanto palavra em movimento, a “Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, 2013, p. 15).

Por meio do método arqueológico, os discursos poderiam ter suas práticas especificadas em arquivos. Assim, numa busca arqueológica, em que se “designa o tema geral de uma descrição que interroga o já dito no nível de sua existência; da função enunciativa que nele se exerce, da formação discursiva a que pertence, do sistema geral de arquivo de que faz parte” (FOUCAULT, 2014, p. 161). Sobre as Formações Discursivas (FDs), o autor mostra serem enunciados que são semelhantes, dentro de sistema de dispersão, em que é possível averiguar regularidades, tais quais correlações, posições, funcionamentos, transformações e ordens. Foucault (2014, p. 99) afirma não ser possível “reconhecer frases que não sejam enunciados, ou enunciados que não sejam frases”. Controlado por condições, regras e realizado em determinados campos, o enunciado seria não “em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com

conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (2014, p. 105). No discurso é veiculado um conjunto de enunciados, organizado dentro da mesma formação discursiva. E ainda dirá que é constitutivo do enunciado precisar “ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data. Quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade” (2014, p. 123). Para o teórico, “entre a tradição e o esquecimento, ele [o arquivo] faz aparecerem as regras de uma prática que permite aos enunciados subsistirem e, ao mesmo tempo, se modificarem regularmente” (2014, p. 159), sem necessidade de ocorrerem linearmente, sem rupturas, mas dentro de um volume complexo e regras específicas.

Há, assim, uma escavação histórica para se poder criar um arquivo e estudar suas imbricações linguísticas e históricas. Já a formação ideológica pertence aos estudos pecheutianos, em que no fluxo de organização do discurso as formações sociais diversas englobariam interligadamente determinadas ideologias e formações discursivas em diferentes enunciados (orais, escritos ou de signos diversos), organizados em conformidade com os diferentes tipos de positividade. Assim, de forma geral, pode-se compreender a circulação do discurso e como por meio da Análise do Discurso essas regras estariam em funcionamento.

Os discursos trazem sentidos e construções ideológicas. Gregolin (2000, p. 22) mostra que para captar os deslocamentos de sentido é necessária a “captação da materialidade do signo e sua reinserção no grande texto histórico do momento”. Serão os textos midiáticos, políticos ou outros o lugar de produção de sentidos. “Cada um deles é determinado pelas coerções genéricas, por um certo modo de dizer; e, ao mesmo tempo, é determinado historicamente pelas formações discursivas que regulam o que se pode ou se deve dizer em uma certa época” (2000, p. 10). Para a autora, mesmo que o discurso pareça ser determinado pela ausência do sujeito por ser institucional ou porque o autor busca “deixar” o texto, ele estará lá, nas “frestas” do discurso.

Possenti (2009, p. 16) defende que o discurso é “um tipo de sentido – um efeito de sentido, uma posição, uma ideologia – que se materializa na língua, embora não mantenha relação biunívoca com recursos de expressão da língua”. Porém, como cada acontecimento é único, para compreensão é necessário fazer interpretações. Mesmo que em relação à ideologia Maingueneau (2016) não trabalhe com a ideia de assujeitamento, há para ele uma competência discursiva na qual o sujeito pode inscrever-se

indistintamente. Ao analista de discurso, portanto, cabe captar os sentidos e expor níveis opacos do discurso.

## 2. Percurso do discurso midiático

A matéria intitulada “Dilma empenha apoio à estrada pelo Parque” (Apêndice 1), foi veiculada na edição que circulou nos dias 16 e 17/03/2014 e compõe a terceira página do periódico diário (página A3). O gênero textual é uma notícia especializada do caderno de “Política”. É possível observar que junto com a matéria, abaixo, na mesma página, aparecem outras duas notícias “políticas”, sendo: “Estudos descartam culpa das usinas hidrelétricas” e “Governador e senador têm avaliação positiva”. Ainda nessa página, a ilustração é feita por duas fotos, e nelas estão em destaque a visitante daquele dia. Procedendo a leitura, percebe-se que a reportagem tenta se passar por uma espécie de “relatório” do ocorrido durante a passagem da comitiva presidencial na cidade de Porto Velho e no sobrevoo realizado pela região. A busca é por se mostrar um relato “fiel”, metáfora do que poderia ter sido deliberado em sua totalidade para atender à situação de cheia do Rio Madeira. Sendo a língua a materialidade que carrega a ideologia, não é neutra a intenção de se parecer uma matéria-relatório.

Quanto a abertura da matéria “Dilma empenha apoio à estrada pelo Parque” há um *lead*<sup>1</sup> destacado no tamanho das letras e envolto a duas linhas (superior e inferior): “Em visita a Porto Velho, presidente confirma estado de calamidade e anuncia medidas”. O enunciado enfatiza que houve visita e que haverá uma medida (que deixa entender ser a mais grandiloquente, com maior vulto entre as medidas anunciadas e merece o destaque) que é empenho pela estrada no Parque (e que não há transparência para quem faz/apoia tal ação/solicitação, somente que há o apoio da presidente a tal pedido).

Já na análise do texto, não há, mesmo diante da presença da então responsável máxima pelo país, uma enunciação aforizante ou sobreasseverada que traga destaque a uma fala da presidente ou de governantes locais. Porém, há um retorno ao Outro (um discurso subentendido), por meio do simulacro fornecido pela figuração de uma catáfora semântica com a expectativa em torno da abertura da Estrada Parque. O estudo da história e dos sujeitos que participam desta realidade, nas condições de produção de

---

<sup>1</sup> Um *lead* ou lide é uma abertura de matéria, texto inicial que traz uma espécie de resumo do que há de mais interessante na matéria a ser lida. Como trazem Araújo e Souza (2008, p. 225-226) há diversos tipos de lides, entre eles o “*lead* simples – refere-se apenas a um fato principal”.

linguagem e materialidade ideológica, traz a relação da língua, ideologia, discurso e sentidos.

Uma vez que os estudos discursivos compreendem a língua como estrutura e acontecimento ao mesmo tempo (PÊCHEUX, 2015), serve para comunicar e não comunicar o fato velado. Considera-se aí “o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária” (ORLANDI, 2013, p. 34). Não dizer a quem serviria ao mesmo tempo a abertura de uma estrada pelo parque de área de proteção ambiental, que naquele momento se fazia necessário para acesso às áreas alagadas, porém, que numa amplitude maior também é uma expectativa de outros grupos sociais, com outras intenções para além de salvar vidas.

Ao comparar matéria e títulos secundários que acompanham a mesma página, “Estudos descartam culpa das usinas hidrelétricas” e “Governador e senador têm avaliação positiva”, verifica-se inversão entre o que é destacado e o texto correspondente. Na primeira matéria está presente um título formado através de uma sobreasseveração, com o assunto que pode ter sido tratado pela presidente em algum momento da visita, em que os jornais questionam a culpabilidade das usinas. Porém, no texto transcrito não se mostra estudos feitos exatamente a esse respeito e, sim, fala da presidente em relação a um fenômeno climático que estaria agindo sobre a região e que teria provocado o aumento de chuvas, com a consequente cheia no Rio Madeira.

Sobre uma sobreasseveração “não se pode falar de ‘citação’: trata-se somente de realçar um trecho do enunciado em relação aos demais” (MAINGUENEAU, 2013, p. 227). Destarte, é uma passagem da fala colocada em formato de título, como se houvesse sido publicado estudo técnico-científico em relação às possíveis causas da cheia. Não significa novidade científica em apresentação no corpo da matéria, com a finalidade de descartar a culpa (ou não) das usinas. A escolha do jornal para esse título foi somente uma parte destacada, como sendo a voz do discurso presidencial durante a estada em Porto Velho.

Quanto às notícias secundárias daquela edição, o jornal tentava demonstrar trabalhar todos os lados da informação: “Justiça pode paralisar o funcionamento de usinas” e “Estudos descartam culpa das usinas hidrelétricas”, em que uma condena e a outra absolve as usinas hidrelétricas instaladas no Alto Madeira. Em ambas, não é exatamente o enunciador jornal e, sim, uma “autoridade” que assume de alguma forma a

responsabilidade, no caso os “estudos” e a “justiça”. Nenhuma dessas autoridades de fala está verdadeiramente nominado, porém, trazem posicionamentos, encontram-se interdiscursivamente com o debate do momento em relação às causas da grande cheia.

Voltando à última notícia da página analisada, o uso do “têm avaliação positiva” também distancia o enunciado do título e da informação na matéria, num dúbio sentido para a ação de ser bem avaliada. O uso do verbo conjugado na terceira pessoa do plural ter não deixou claro quem possui ou é possuído na avaliação positiva: Foram bem avaliados por alguém? Eles bem avaliaram algo ou alguém? Eles recebem ou realizam a atividade positiva? Conforme analisado título e imagem, neste caso, pela felicidade estampada na fotografia, há que se esperar que pudessem estar sendo “presenteados” com uma boa avaliação o governador e o senador. Porém, ao contrário, o texto da matéria demonstra a satisfação dos dois políticos rondonienses com as decisões anunciadas pela presidente. Diante das condições de produção, de quem enuncia em tal instância (e não de quem recebe a ação), há um implícito que tenta levar o leitor para um e não outro discurso.

Outro movimento se dá pela mediação e criação do espaço simbólico durante a cobertura da cheia pela mídia local. Talvez questões de espetacularização fiquem mais claras quando demonstradas nos meios televisivos ou digitais, uma vez se considerar a mídia impressa mais “tradicional” ou até mesmo de “menor visibilidade.” Porém, essa transformação de uma realidade, um acontecimento em uma recorrência de diversas notícias contribui para que haja a criação de cenas e performances, numa possível tentativa de agendamento dos debates sociais, criando sentidos outros. Nessa observação da notícia enquanto um simulacro, de sobreposição de uma imagem como mera transmissora de informação a uma não-transparência do que traz implícito. Sendo os textos midiáticos um dos lugares de produção de sentidos, a sociedade está ali representada, já que os sentidos ocorrem junto ao apelo a algum tipo de memória, a um já-dito.

### **3. Percurso de análise**

O *corpus* de análise foi delimitado visando melhor compreensão do discurso da mídia eleita para este trabalho. O trimestre com maior número de informações divulgadas foi de janeiro a março de 2014, justificando a escolha de alguma notícia nesse período da cheia. Aleatoriamente (incluindo a necessidade de a matéria ter uma

melhor visibilidade pela foto feita via celular durante a ida ao arquivo do jornal), sendo eleito o período com maior número de publicações durante esse primeiro trimestre daquele ano. Com a matéria de abertura de página “Dilma empenha apoio à estrada pelo Parque” na seção de Política do jornal referente ao fim de semana de 16 e 17/03/2014 analisa-se uma matéria de cunho político. O que também não está desvinculado do contexto do jornal, que possui fortes ligações políticas, fazendo parte de grupo com legislatura federal em que o mandato em encerrou em 2023.

Logicamente, há a ressalva de Foucault (2014, p. 6-7): “a história propriamente dita, a história pura e simplesmente, parece apagar, em benefício das estruturas fixas, a irrupção dos acontecimentos”. Porém, como não trazer à tona até mesmo a disputa histórica dos portugueses (espanhóis, franceses e demais nações) tentando assegurar o território amazônico para garantir a exploração de suas riquezas e o Rio Madeira sendo parte dessa historicidade? Maingueneau (2016) diz ser necessário pensar a discursividade paralelamente como dito e como dizer, sem dizer-se que integralmente o passado permanece, portanto, “[...] não deve converter a análise do discurso na pura descrição de um imbricamento de pistas, desconsiderando o fato de que essas pistas são as de um discurso, e não as de um templo ou de um retábulo” (MAINGUENEAU, 2016, p. 19). Há, entretanto, uma certeza: o espaço sempre está em constante disputa.

Afinal, foi sob uma ideologia expansionista e colonizadora que, por exemplo, os estudos geográficos da época colonizadora das Américas muito contribuíram para o comércio de matéria além-mar. Ou, da mesma forma que se perguntava, antes da instalação das usinas hidrelétricas, Teixeira (2008, p. 288) por quanto tempo ainda o Rio Madeira continuaria a ser uma das principais veias a movimentar a história regional: “Suas águas barrentas ainda correm mornas irrigando as terras que o margeiam e a imaginação dos ribeirinhos que dele vivem. Seu fluxo e refluxo anual continua alagando e fertilizando os solos que lhe são adjacentes. Mas até quando?”. Observa-se que o desenvolvimento ao longo do Rio Madeira traz contribuições valiosas para descrever o que ele é na atualidade. Em Teixeira (2008) está o debate sobre a natureza também como produto das atividades humanas.

O rio Madeira apresenta-se como o elemento natural mais constante em todos os textos, narrativas e imagens que tratam da história local. Embora, em suas margens, a paisagem tenha sofrido uma considerável alteração em função das ações antrópicas, a massa hídrica pouco foi alterada ao longo dos séculos e, somente agora, no início do século XXI, a sociedade nacional prepara um grande projeto

hidrelétrico, capaz de alterar, substancialmente, o conjunto da paisagem fluvial e seus arredores. (TEIXEIRA, 2008, p. 227).

Na abordagem do historiador rondoniense o Rio Madeira é “elemento básico na constituição de diversas sociedades humanas ao longo de um período que vai do século XVII ao século XXI” (2008, p. 233). Sua importância econômica e social é tão grande quanto o próprio rio. Para onde, então, corre esse rio discursivo na cheia 2014? Conforme visto nas “entrelinhas”, apresentou-se como discurso, com seus enunciadores organizando posicionamentos e trabalhando memórias na produção de diferentes sentidos. Histórica e consagrada a cheia/alagação/enchente continuará na memória, apagando-se todos os discursos anteriores. O apoio à abertura da estrada parque e o que acarreta de “desenvolvimento” ao local; a avaliação positiva dos próprios políticos que acompanharam comitiva; a discussão enviesada em torno das usinas hidrelétricas instaladas ao longo do Madeira; entre outros. No caso dos jornais, a informação diz ser produzida com uma linguagem objetiva, em que se recorrem a números, gráficos/imagens e discursos de autoridades de várias esferas para debater a cheia. Acarretando que os desastres ambientais e a ocupação histórica e econômica da região sejam reorganizados. Tentam se dizer transparentes, registrados nesta linguagem neutra/objetiva como se retratassem fielmente a realidade, porém, continuamente é opaca, ligada a diferentes formações ideológicas e discursivas, mas que de alguma forma também os beneficiem.

O rio como uma palavra é mais do que convenção. Enquanto elemento da natureza faz parte de disputas históricas, imposto e pactuado entre alguns. Transformações que juntas tornam o rio não mais originário, igualmente ao que estaria próximo do natural. E, já culturalmente modificado, disputado (sua internacionalização é também parte desse pertencimento amazônico). Mesmo o rio foi grande atração de população para a região, empurrada e/ou atraída nos grandes ciclos econômicos, entre os quais o de mineração. Desde antes do século 1.900, quando precisou ser construída a estrada de ferro para ser a “estrada” onde o rio era muito cheio de correntezas e cachoeiras até, notadamente, no período do governo militar em 1960, com referência à abertura da BR, passando pelo eixo Vilhena – Ji-Paraná – Porto Velho. O que consequente resultou no desenvolvimento (ou processo maior de desmatamento da floresta amazônica).

As repetições, paráfrases, polifonias e metáforas irão qualificando o acontecimento, por meio de fatos novos, entrecruzando proposições e fazendo da cheia um ato performativo, em que tudo se relacione ao mesmo e não a outros: “Dilma empenha apoio à estrada pelo Parque”; “Estudos descartam culpa das usinas hidrelétricas”; “Governador e senador têm avaliação positiva”. Como veias abertas em torno de rios, águas, florestas e gentes, servem de metáfora para essa inter-relação discursiva e, portanto, de vida.

Um rio quando transborda está em relação de semelhança com tudo isso, como também com os poderes que disputam espaço na sociedade. Portador da materialidade ideológica, o texto do jornal se apresenta numa regularidade discursiva. Nisso reside uma das facetas da ideologia, que está ligada à inscrição sócio-histórica do discurso e nos seus posicionamentos. A Análise do Discurso compara os dispositivos teóricos de investigação com os correspondentes dispositivos analíticos, por meio dessas condições de produção, em que estão esses discursos e seus efeitos de sentido.

### **Considerações finais**

A grande cheia de 2014 representou um momento muito marcante na vida, não só de ribeirinhos, mas da sociedade rondoniense em geral. Dos que residem no entorno até os mais distantes do rio, como o povo boliviano (onde nasce e percorre boa parte do território um de seus afluentes), acreano e do interior rondoniense. Ao analisar os discursos da cheia que mais marcou a cidade de Porto Velho e região por onde o Rio Madeira atravessa, buscamos desvelar e registrar estratégias discursivas. Há diversos modos de percepção em torno da cheia do Madeira que circulam até hoje. Contradições que (re)apareceram durante o ocorrido nos anos de 2013 (início daquele período de cheia) e 2014 (conclusão do ciclo da cheia), emergindo que o discurso não é tão transparente, mas pode trazer à tona diversas mensagens.

O simulacro construído pela mídia busca um sentido histórico, que constantemente é renovado, ao mesmo tempo apagado, esquecido e (re)construído. Tendo em vista que um rio carrega muitas formas de sentidos em seu curso, os situados na Amazônia são muito mais que fonte de alimentação. Os rios amazônicos são vida, transporte, comunicação, cultura, riqueza e trabalho. Ao mesmo tempo que são parte da disputa político-territorial.

A observação final é de que não apenas as forças das águas agem na formação da sociedade quando o tema é um rio amazônico. Entremeadado às tantas curvas do rio há também forças em disputa de poder biossocial, econômico e político. No fim, nosso desejo é como diz Eduardo Galeano (2015, p. 103) “[...] e aprendeu que a chuva é irmã dos rios; que pelos rios corre o sangue da terra, e há inundação quando o sangue se derrama”. Que o rio seja o sangue da terra em que pulsa a vida, não a transformação da vida e da luta pela terra em sangue.

## Referências

ARAÚJO, Ellis Regina; SOUZA; Elizete Cristina de. **Obras jornalísticas: uma síntese**. 3. ed. Brasília: Vestcon, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

GALEANO Eduardo H. **Bocas do tempo**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2015.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise (org). **Filigramas do discurso: as vozes da história**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: Princípios & procedimentos**. 11. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso: ensaios sobre o discurso e sujeito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SILVA, Rosália Aparecida da; AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. As condições de produção do discurso midiático na cheia do rio madeira de 2014. **ContraCorrente: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas**, [S.l.], n. 14, p. 108-124, nov. 2020. ISSN 2525-4529. Disponível em: <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/contracorrente/article/view/1969>. Acesso em: 12 ago. 2023.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **O rio e os tempos: Reflexões sobre a colonização e as questões ambientais do vale do Madeira entre os séculos XVII e XXI**. Saber Científico, Porto Velho, v. 1, n. 2, p. 223 – 295, jul/dez, 2008.

Apêndice 1. Terceira página do Jornal Diário da Amazônia (16 e 17/03/2014)



Fonte: Foto feita pela pesquisadora.